

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO:
UMA ABORDAGEM
SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS**

Alexandra Soares dos Santos (UEFS)

sandrasoares_ba@yahoo.com.br

Carla Luzia Carneiro Borges (UEFS e UNICAMP)

1. Introdução

Os livros didáticos de português são uma fonte de acesso ao saber institucionalizado, referente ao estudo da língua e da literatura brasileira, de que dispõem estudantes e professores. Em diversas situações da atual educação escolar brasileira, constituem o centro do processo de ensino-aprendizagem. Por muito tempo foi constituído por uma seleção de textos de escritores consagrados, que funcionavam como condutor para atividades de interpretação e/ou para o estudo de estruturas linguísticas. Contudo, a fim de atender à preocupação das propostas pedagógicas atuais, houve a necessidade de rever a proposta de ensino de português veiculada nos livros didáticos, implicando numa visão da língua em seu uso efetivo.

O estudo da língua portuguesa apresentado pelos livros didáticos, até pouco tempo, baseava-se na tendência linguística derivada da abordagem estrutural, que trata as línguas como sendo completamente uniformes, homogêneas ou monolíticas em sua estrutura. Essa característica deixava clara a insuficiente importância dada, nesse recurso didático, ao tratamento da língua em seu uso real, de forma a admitir a variação e a mudança linguística inerente à língua.

Com o avanço dos estudos linguísticos e a reformulação da legislação educacional que tem como um de seus pilares “[...] respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país [...]” (BRASIL, 1998, p. 5), foi introduzida nos livros didáticos de português uma nova visão do fenômeno linguístico, que deixa de ser o de “[...] uma estrutura invariável para permitir manifestações flexibilizadas, que levam em conta a situação linguística, o contexto social da comunicação.” (SILVA, 2008, p. 167).

Nessa conjuntura, passa a ser exigência aos livros didáticos de português (doravante LDP) a contribuição efetiva para a consecução dos objetivos do ensino de língua materna propostos em documentos oficiais,

tais como os *Parâmetros Curriculares Nacionais* – PCN. Dentre os objetivos indicados neste documento, destaca-se o papel da escola em proporcionar ao estudante “[...] conhecer e valorizar as diferentes variedades do português, procurando combater o preconceito linguístico [...]” (BRASIL, 1998, p. 33), e ainda:

[...] reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades [...] (*Idem*).

Sobre isso, Silva (2008) diz que os novos objetivos do ensino de língua portuguesa reformula o conceito de correção. Se antes correto implicava leitura e escrita imitando um único padrão linguístico, descrito a partir do uso linguístico por parte dos escritores de prestígio de cada época, considera-se hoje que ler, falar, escrever, ouvir com eficiência significa ter capacidade de realizar tais atividades em maior número de dialetos regionais, etários, sociais, estilísticos etc., conforme lhe solicita a situação de comunicação.

Diante do exposto, fica claro que a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas, já que as variedades existentes do português brasileiro são formas comunicativas que servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidos de maneira diferenciada pela sociedade. O estudante deve ter sua variedade de uso respeitada e também ter acesso à norma de prestígio, para que se consiga uma escola democrática e um ensino de língua eficiente, como o proposto pelos documentos oficiais. Vale ressaltar que mesmo na concepção de padrão não há uma unicidade, de forma que existe a norma padrão ideal, que é a descrita pelas gramáticas, e a norma padrão real, característica das variedades linguísticas utilizadas pela população mais escolarizada.

Acreditando ser a escola um espaço em que o estudante tenha acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania, e considerando o livro didático um importante instrumento do trabalho docente, faz-se necessária a verificação de como este suporte metodológico tem abordado a variação linguística do português. Para tanto, será abordada, nesse estudo, a relevância em se tratar desse assunto, apresentando, de forma breve, as consequências sociais que o mesmo pode acarretar. Em seguida, será feita uma análise em LDP de forma a mostrar como esse instrumento pedagógico contribui para o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística da língua portuguesa.

2. Por que tratar da variação linguística?

A variação linguística resulta da dinamicidade da língua, já que esta é viva e passível de transformações por razões geográficas, sociais e históricas. Consiste na variação das formas da linguagem que ocorre sistematizada e coerentemente.

Cada variedade de uma determinada língua é proveniente das particularidades das experiências históricas da comunidade falante, ou seja, como foi constituída, como está organizada socialmente, entre outros aspectos. A compreensão da variação linguística nesta perspectiva acarreta a superação do preconceito linguístico que se instaura na sociedade.

Sendo também uma característica universal das línguas naturais, a variação está marcada por variáveis linguísticas e não linguísticas. As primeiras são consequências das constantes mudanças que a língua sofre, sendo definida como formas diferentes de dizer a mesma coisa. Já as variáveis faixa etária, região, gênero/sexo, intenção, nível de escolaridade, classe social, entre outros, constituem as variáveis extralinguísticas.

A língua portuguesa brasileira é heterogênea. O reconhecimento desse fato linguístico é um importante passo para a modificação da tentativa de padronização linguística, que perpassa também a fala, produzida na sociedade e reproduzida por instituições formais, entre elas a escola. Segundo Coelho (s/d, p. 2472), a mudança da ideologia do monolingüismo no Brasil

[...] começa com a conscientização e a educação da população brasileira. Nesse contexto, a escola tem papel fundamental de adotar uma atitude realista diante dessa diversidade e revisar o ensino preconceituoso da língua portuguesa [...].

Sendo o papel da sociolinguística tratar das relações entre língua e sociedade, estudando a língua em seu uso real e tendo por objeto de estudo a variação e a mudança linguística, é de fundamental importância que se faça presente na educação linguística dos cidadãos brasileiros. No contexto escolar, sua função deve ser a de levar o estudante ao reconhecimento da heterogeneidade intrínseca da sociedade brasileira e, portanto, da inescapável heterogeneidade da nossa realidade linguística (BAGNO, 2007). Um reconhecimento que não pode ficar na simples constatação, mas que tem de incorporar também uma instância de crítica e questionamento das crenças linguísticas estabelecidas. Além disso, a escola deve assegurar o direito que toda e qualquer pessoa com cidadania brasileira tem de falar e escrever a(s) sua(s) variedade(s) linguística(s), do jeito que

ela(s) existe(m), buscando adequar-se ao contexto. E não fixar uma única forma de produzir textos orais e escritos, seguindo uma ideologia linguística autoritária e excludente, imposta séculos atrás por uma potência colonial escravagista.

2.1. Algumas conseqüências sociais da variação linguística

A língua, da mesma forma que outros patrimônios sociais, tem valor social. Afora a imposição do português padrão, inexistente em uso real, a variedade culta com seu prestígio perpassa todos os segmentos sociais e é um resquício da colonização. O valor social atribuído a essa norma equivale ao poder exercido no contexto sócio-histórico-cultural pela classe social que a utiliza. Nesse sentido, o comportamento linguístico passa a ser um indicador claro da estratificação social (BORTONIRICARDO, 2005). Em outras palavras, a eleição de uma dentre as variedades linguísticas existentes para ser padrão implica que o grupo social que a reconhece e domina será junto a ela legitimado e exercerá poder sobre as demais formas linguísticas e seus respectivos falantes.

Essa diferença de valoração das variedades linguísticas do português na sociedade brasileira, bem como as discrepâncias entre classes sociais, são reproduzidas no âmbito do sistema educacional. A escola é norteada para ensinar a língua da cultura dominante. O problema não parece estar na padronização da língua, mas no acesso restrito que grandes segmentos da população têm a ele. Até porque a escola, por meio das gramáticas e dos livros didáticos, continua ensinando massivamente a norma padrão ideal, aquela que não é utilizada em contextos reais e, portanto, não representa nenhuma significância para os estudantes. Mesmo quando aborda a língua padrão real, por vezes é de forma descontextualizada e sem admitir a verdadeira realidade heterogênea da língua.

Nesse contexto, marcado pela escassa ou nenhuma importância dada pela comunidade escolar às variedades linguísticas populares existentes na sociedade, o aluno que não domina a variedade padrão culta, aquela valorizada socialmente, é visto como um transgressor da norma gramatical, inculto e desatento. O que precisa ser levado em conta é que, a língua padrão, seja ela ideal ou real, é apenas uma das variedades da língua, nem melhor e nem pior, do ponto de vista linguístico. Dessa forma, excluir as demais variedades do ensino de língua é perpetuar o preconceito linguístico.

O que se deseja não é que o estudante, principalmente das classes mais populares, utilize na escola simplesmente suas variedades linguísticas. Até porque, essa atitude iria de encontro ao que se propõe no ensino de língua portuguesa, com base em linguistas, professores e pesquisadores, responsáveis pela elaboração dos documentos oficiais da educação, que é o desenvolvimento da competência comunicativa, ou seja, falar, ler, escrever adequando-se aos diferentes contextos de uso do português seja ele mais/menos monitorado (BORTONI-RICARDO, 2004).

A função da escola e, sobretudo, do professor de português é ajudar o discente a

[...] compreender a realidade com suas contradições e variedades; compreender a estrutura, o funcionamento, as funções da língua – instrumento de comunicação, mas também de poder, de constituição da identidade individual e coletiva, de manutenção da coesão social do grupo etc. –, com todas as suas variedades, sociais, regionais e situacionais. (COELHO, s/d, p. 2473)

Diante do exposto, justifica-se refletir sobre a variação linguística no contexto escolar, levando em consideração o papel relevante exercido pelo livro didático no processo de ensino-aprendizagem e na construção do pensamento crítico dos discentes.

3. *Variação linguística em livros didáticos*

Diversos trabalhos acadêmicos já foram produzidos acerca desse tema. Contudo ainda é possível encontrar em diferentes autores de materiais didáticos destinados ao ensino básico uma abordagem resumida e/ou distorcida da variação linguística do português brasileiro. Isso se dá por falta de embasamento teórico mais preciso e de reflexões mais solidamente apoiadas nos postulados da sociolinguística e da sociologia da linguagem – as duas disciplinas que lidam com o fenômeno da variação e da mudança linguísticas e suas consequências sociais, culturais, políticas e pedagógicas.

Vale ressaltar que não é apenas nos LDP que são veiculadas distorções e inconsistências na abordagem de conceitos como variação e mudança, norma-padrão e norma culta, estigma e prestígio, letramento e oralidade, entre outros. Também em documentos oficiais, diretrizes curriculares e, principalmente, nos meios de comunicação, prevalecem noções obsoletas e pré-científicas sobre língua e linguagem que em nada contribuem para a construção de uma democracia linguística no nosso país. Mas essas questões não serão aqui debatidas, por se tratar o presen-

te texto de uma reflexão sobre variação linguística em LDP.

A fim de observar de forma mais precisa como esse fenômeno linguístico vem sendo estudado no ensino fundamental, ilustrarei a abordagem da variação linguística veiculada em um livro de português destinado ao 6º ano (5ª série). O volume é parte integrante de uma coleção que foi analisada e avaliada pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, edição 2008. Esta coleção foi uma das selecionadas e compradas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, para ser distribuída em algumas das escolas da rede pública estadual, a ser utilizada entre os anos 2008-2010.

Na seção *Estudo da Língua* da unidade 1 do referido livro, encontra-se o estudo intitulado *Variedades e registros*, no qual língua é definida como “[...] um sistema vivo que pode ser usado conforme a nossa necessidade: de acordo com o contexto da conversa, com a região em que moramos, com nossa idade, etc.” (Projeto Araribá: Português, p. 34). A proposta enquadra-se na terceira das formas norteadoras do estudo da variação nos LDP, apresentadas por Dionísio (2003): variação linguística em seções sobre reflexão sobre a língua.¹⁷⁶

O assunto é dividido em quatro subseções: (1) variedade padrão, (2) variedades regionais, (3) variedades estilísticas e (4) linguagem formal e informal. Em cada uma delas encontramos um texto ou fragmento de texto, seguido de questões para identificação de expressões que caracterizem a variedade linguística em questão. Vejamos:

(1)

1. Leia o fragmento e escreva no caderno o que se pede.

O caboclo louro puxa a faca e esgaravata o dedão do pé.

– São seis reza de hora e meia cada mais ou meno. Pro santo ficá satisfeito. (p. 33)

a) Uma palavra do texto escrita de forma diferente da encontrada no dicionário.

b) Uma palavra que deveria estar no plural, de acordo com as regras dos livros de gramática.

¹⁷⁶ A autora registra três formas norteadoras do estudo da variação linguística (VL) nos LDP, que são: “(1) abordagem das VL em unidades específicas do LDP, geralmente, ao apresentar a noção de língua, (2) abordagem das VL em questões mínimas inseridas na análise textual e (3) VL em seções sobre reflexão sobre a língua.” (DIONÍSIO, 2003, p. 79)

c) Discuta com seus colegas: por que o autor teria escrito as falas da personagem dessa forma.

Nessa subseção a variedade padrão é apresentada como sendo aquela encontrada em dicionários e gramáticas, ensinada nas escolas e utilizada em situações de comunicação mais monitoradas. Contudo, em nenhum momento é esclarecida a diferença existente entre a variedade linguística reconhecida como norma-padrão e a variedade realmente utilizada pelos usuários da língua, que possuem graus mais elevados de escolaridade, a norma culta. Se o professor, ao utilizar esse livro, não estiver atento a essa observação, o estudante tampouco terá conhecimento dessa distinção.

(2)

4. Leia esta tirinha e responda ao que se pede no caderno.

(Texto do diálogo que está na tirinha de Xaxado)

- Mata ele de inveja, vai!

- Meu cachorro só bebe água importada da Oropa!

- E o seu?

- Ôxi! Eu nem cachorro tenho esse aqui é do padre...

Bichim só bebe água benta! (p. 34)

a) Xaxado ficou com inveja do cachorro dos amigos? Explique.

b) Em que região do Brasil essa história deve se passar? O que permite fazer essa hipótese?

c) Que palavras ou expressões da tirinha ajudam a caracterizar essa região?

Na exposição das variedades regionais o LDP analisado informa a presença de marcas de oralidade e o fato de caracterizar a região do falante. O texto utilizado para ilustração ratifica o que diz Bagno (2007, p. 120), sobre a insistência de autores de material didático em apresentar textos que “[...] não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam.” Até porque não se trata de uma manifestação linguística real, senão uma produção artística, com intenção lúdica e estética, sem a natureza de um trabalho científico rigoroso. E ainda, a pronúncia “Oropa”, por exemplo, pode ser característica de um falante não-escolarizado, independente de sua região de origem.

(3)

5. A que grupo de falantes podemos associar cada uma destas frases? Oriente-se pelo quadro (p. 34-35).

a) Se liga, aquela mina é da hora!

b) Que craque! Deu uma caneta no volante e acertou um tirabação no gol!

c) É melhor fazer um backup dos arquivos antes de deletar qualquer coisa neste micro.

Torcedores assistindo a uma partida de futebol. Adolescente conversando numa festa. Pessoas que trabalham com computadores.

A variedade estilística é dada como linguagem composta por palavras e expressões típicas de certos grupos, e denominada de gíria ou jargão. A atividade apresenta frases descontextualizadas, além de colocar em um quadro a resposta, para que apenas seja feita associação. Sem exigir do estudante nenhum esforço ou reflexão.

(4)

Leia e responda às questões no caderno.

Esse negócio de falar no rádio deixou a gente nervoso demais e a professora teve que bater a régua muitas vezes na mesa para poder continuar a aula de gramática.

E aí a porta da classe abriu [...].

– Sentados! – o diretor falou. – Meus meninos, é uma grande honra para a nossa escola receber a visita da rádio que, pela magia das ondas, e graças ao gênio de Marconi, fará as palavras de vocês repercutirem em milhares de lares. Estou certo de que vocês serão sensíveis a essa honra e estarão imbuídos de um sentimento de responsabilidade. (p. 35)

a) Quem está narrando essa história?

b) Que outra personagem aparece?

c) O narrador e o diretor estão usando a mesma língua?

d) Qual dos dois usa uma linguagem mais elaborada?

e) Qual dos dois fala de maneira mais simples, descontraída?

Nessa parte do estudo, a linguagem formal e a informal são diferenciadas a partir dos critérios elaboração (+/-), situação e interlocutor. Na observação dada é feita a relação entre escrita/ +formal e oral/ +informal. Em um quadro à parte é esclarecido que todas as variedades estudadas no livro podem se apresentar de modo formal ou informal.

Com essa explanação conclui-se o estudo sobre variações linguísticas, seguido de mais exercícios que enfatizam o uso de linguagem padrão/linguagem não padrão, marcas de oralidade, variedade regional e grau de formalidade.

4. Considerações finais

Observa-se que o LDP analisado atende às propostas mais avançadas de ensino de língua portuguesa, até mesmo no que diz respeito às diretrizes oficiais de educação, pois apresenta em sua proposta o estudo da variação linguística.

Contudo, a abordagem da temática ainda é resumida e distorcida. Em nenhuma parte do estudo é mencionada a pluralidade de línguas no Brasil. No país, junto ao português, convivem diversas línguas indígenas, oriundas dos primeiros habitantes, além das línguas de origem europeia e asiática trazidas pelos imigrantes no decorrer de sua história.

Apesar de o tratamento não se limitar às variedades regionais, como em outros livros didáticos, as variedades urbanas não são trabalhadas de forma satisfatória, de modo que fica implícita a crença ilusória de que os falantes urbanos mais letrados se comportam linguisticamente de acordo às normas prescritas pelas gramáticas. Isso é confirmado na ausência de separação entre norma-padrão e norma culta (variedades prestigiadas socialmente). A primeira trata-se do conjunto de regras descritas e prescritas pelas gramáticas normativas, baseadas em uso dos escritores consagrados. A segunda abarca as variedades linguísticas efetivamente utilizadas por indivíduos urbanos, letrados e socioeconomicamente privilegiados.

Como diz Bagno (2007), é comum que os LDP tratem da variação linguística restringindo-a ao sotaque e ao léxico. O livro analisado não é exceção a essa regra. Segundo o autor, a variação morfossintática é o nível mais profundo de variação linguística e, por isso, deveria ser o principal foco no ensino de língua, já que dele depende todo o trabalho de tratamento que a escola deve explorar com seus estudantes. A comparação do uso dos recursos gramaticais pelos diferentes grupos sociais é de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Porém, nenhuma das atividades apresentadas pelo LDP em questão faz menção à variação linguística no nível destacado por Bagno (2007).

Outra ressalva a ser feita é que o material didático de que trata a

análise não aborda o fenômeno da mudança linguística, apesar de admitir a variação linguística, como se este fenômeno linguístico não fosse pre-núncio de alguma inovação que está se processando na língua.

Depreende-se da análise realizada e das literaturas revisadas sobre a temática que falta nos LDP o estudo a partir de manifestações autênticas da realidade linguística. É preciso que autores e editoras de livros didáticos se conscientizem da necessidade de uma reeducação sociolinguística, que venha a combater o preconceito linguístico e evitar a reprodução de estereótipos e discriminações que ainda vigoram na sociedade brasileira em geral. A variação linguística precisa ser estudada como fato social e cultural, considerando a riqueza que representa e seu papel revelador do dinamismo da língua.

O livro didático, por seu importante papel no contexto escolar e, mais especificamente, no estudo da língua, deve colaborar na ampliação do repertório linguístico e no desenvolvimento da competência linguística do estudante, de modo que ele tenha acesso à variedade de maior prestígio social. O indivíduo, por meio da escola, deve tornar-se capaz de produzir textos orais e escritos nos mais diferentes gêneros, sabendo colocar-se adequadamente em diversas situações comunicativas, incluindo públicas e formais, sem que para isso sua variedade linguística de uso seja menosprezada.

Ressalta-se, para finalizar, que recentemente a sociedade brasileira assistiu a uma polêmica veiculada e alimentada pela mídia, em que o foco era a abordagem da variação linguística em um material didático elaborado para a Educação de Jovens e Adultos. A pergunta apresentada em um trecho do livro – “*Mas eu posso falar os livro?*” – tornou-se um divisor de opiniões, quanto ao papel do LDP no ensino de língua.

De um lado, a mídia e, por ela conduzida, a população em geral, acreditando estar o livro “desprezando a norma culta” e “ensinando erros gramaticais”. Do outro, os autores do livro questionado e linguistas, representados publicamente por pesquisadores como Bagno e Possenti, esclarecendo, mais uma vez, a necessidade de que o falante se conscientize da variante linguística que usa e entenda como a sociedade valoriza desigualmente as diferentes variantes. Esse foi apenas mais um exemplo de como se faz urgente a disseminação de conhecimentos científicos e a ampliação do senso crítico. Enfim, uma reeducação sociolinguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. *O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_300.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2010.
- DIONISIO, Ângela Paiva. Variedades linguísticas: avanços e entraves. In: DIONISIO, Ângela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 75-88.
- PROJETO ARARIBÁ. *Português, 5ª série, obra coletiva, concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna. Editora responsável Áurea Regina Kanashiro*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- SILVA, Myrian Barbosa da. Novos horizontes no ensino de língua portuguesa: a formação do professor e o livro didático. In: MENDES, Edleise; CASTRO, Maria Lúcia Souza (Orgs.). *Saberes em português: ensino e formação docente*. Campinas: Pontes, 2008, p. 161-185.